

TRIBUNA Livre

5
MARÇO
1960

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DR. OLIVEIRA SALAZAR-TEL. 6212 - A M A R E S

Poetas de Riba-Cávado

Há muito que nestas páginas andava sózinho em campo um cavaleiro da poesia regional. Quando um dia se esboçar qualquer história literária do *Baixo Minho*, o autor de «Revolta e Crença» e outros tantos poemas que andam dispersos sob o anagrama de UERBA, que lhe serve de pseudónimo, o seu verdadeiro nome não poderá passar sem a justa apreciação e a sua obra sem a merecida análise.

Depois foram aparecendo outros a ensaiar, com razoável segurança, seus voos poéticos—o Cávado tomado por tema de seus versos. Será que está a revelar-se uma corrente de poetas de Riba-Cávado tal qual a dos já notáveis *poetas limianos*?

Deus o queiral! Estes tiveram o seu grande precursor e mestre em Diogo Bernardes—o célebre cantor do Lima. Bernardes foi, por sua vez, um dos maiores admiradores e discípulos do poeta do Neiva e da Tapada—o grande Sá.

Meu mestre, esta capela que urdo e teço

De verde murta e de cheirosas flores,

Aqui onde cantaste te ofereço.

A obra de Sá de Miranda reflectiu-se extraordinariamente ao longe e não fez escola ao perto, deixando, como cantor destes rios e verdes prados, o seu lugar absolutamente vazio.

O Baixo Minho perdeu há dias o seu maior cantor de todos os tempos; o que melhor soube interpretar em verso o verdadeiro sentir da alma popular e foi o glorioso poeta de Belinho. Em versos simples, inspirados no verdadeiro sentimento dos nossos costumes e tradições, encheu de vibração a Alma poética de Portugal inteiro.

Que o seu grande exemplo frutifique!

Deus semeou a terra de poetas, como de rouxinóis as margens dos rios e dos ribeiros. Cantai, poetas de Riba-Cávado, cantai! Invocai as belas *ninfas ribeirinhas* e as musas da montanha; inspirai-vos nelas como aquele moço e velho tropeiro *Taveirós* na formosa *Ribeirinha!* Cantai as festas e as romarias, levantai hinos de exaltação à vida do lavrador! Que fecundo manancial a vida dos campos e das suas nobres tarefas e canseiras!

Que a antiga veia poética das festas e romarias se ensaie em novos episódios de cantores ao desafio!

Espalhai e trazei a estas páginas, onde prosa às vezes desafina e encrespa a corrente, as vossas rimas e harmonias.

O prosador dificilmente se impõe e conquista renome. O mais simples poema pode imortalizar um poeta!

Reunião da Câmara Municipal

Reuniu, na passada quinta-feira, em sessão ordinária, a nossa Câmara Municipal.

Presidiu o senhor Adão Arantes Russel, vice-presidente do Município, com a presença dos vereadores srs. Padre Albino José Fernandes Alves, Dr. João Baptista de Sousa Fernandes, Paulo Barbosa de Macedo e José Asdrubal de Oliveira.

A Câmara tomou diversas deliberações e autorizou vários pagamentos.

Visado pela Censura

Banco de Fomento Nacional

Um dos mais importantes acontecimentos da vida portuguesa dos últimos tempos, sob o ponto de vista económico, verificou-se no princípio deste ano, em Lisboa, com a abertura ao público do Banco de Fomento Nacional que começou as suas actividades no dia 4 de Janeiro, precisamente cinco meses após ter sido constituído. Com um capital de um milhão de contos — no qual o Estado participa com 650 mil,

Se o Infante Voltasse A sua rosa-dos-ventos

E eis que estamos chegados às comemorações do quinto centenário do Infante D. Henrique. Assim no-lo dizem as parangonas dos jornais, os eruditos discursos das sessões inaugurais, o coro de vozes que se ergue nas Sés catedrais entoando o «Te Deum» de acção de graças.

Para os menores de trinta anos, tudo isto, toda esta solenidade, todo este vasto programa comemorativo que se prolongará por nove meses—até Novembro—tem um ar de novidade, o aspecto insólito inesperado, de mobilização de todos os recursos nacionais em matéria de cerimónias patrióticas e de oratória; para os maiores

de trinta anos, o centenário henriquino rodeia-se; além dos méritos próprios, de um halo de emocionada recordação do que foram, em 1940, as comemorações do Duplo Centenário de Portugal—a hora alta, a hora maior do ressurgimento pátrio.

O centenário henriquino começa agora. Julho e Agosto serão sem dúvida, os seus meses capitais, com a presença do Chefe do Estado do Brasil e a realização de solenidades de toda a ordem—desde os grandes congressos científicos até aos grandes desfiles náuticos. Entretanto, e enquanto crepita e se esfuma a euforia dos momentos inaugurais, entretanto trabalha-se.

Trabalha-se em uma obra de extraordinário valor cultural, ouja é a publicação da «Monumenta Henriquina»; trabalha-se, no Porto, nas obras de restauro de uma velha casa da Rua da Alfândega, que a tradição diz ser aquela onde nasceu o Infante e se não sabe ainda a que se destinará, depois de haver passado muitos anos tristemente esquecida e utilizada para armazém de bacalhau; trabalha-se em Belém e em Loures, nas oficinas de canteiro de

Continua na 4.ª página)

Continua na 6.ª página

As Festas a Santo António E DO CONCELHO

As festas a Santo António são uma grande manifestação de vitalidade, das poucas que este concelho dormente tem.

Mais uma vez vão realizar-se graças à actividade de alguns bairristas em que predomina a novidade, perante a indiferença do Município, não obstante tratar-se das Festas do Concelho.

Em verdade não se entende que seja preciso que os particulares se constituam em comissão para que elas não morram, frente ao silêncio de quem deveria tomar-lhe o passo, nomear a comissão, subsidiá-las e colher os merecidos louros das Festas que têm acento ao lado das maiores que ao grande taumaturgo se realizam no País.

Mas isto é sina.

Volvamos os olhos para essa gente moça que vai realizar as Festas deste ano e anunciamos com satisfação, aos nossos leitores, especialmente aos que vivem fora, que também este ano o maior cartaz do concelho percorrerá o País e que esta terra será mais uma vez palco de magníficos atrativos.

Não nos é possível, hoje, dar o nome das pessoas que compõem a Comissão, o que faremos no próximo número, mas desde já podemos dizer que foram feitas diligências para contratar as bandas, ranchos, ornamentações e tantos outros numeros indispensáveis.

QUE SUCEDERÁ EM 1960?

Lúcia pediu que o segredo só fosse revelado depois da sua morte?

—V. Rev. não ignora quanto por esse mundo fora, se tem falado e escrito à volta do Segredo de Fátima. Desejariamos ouvir, sobre o candente assunto, a V. Rev. como historiador oficial que é dos grandes acontecimentos da Cova da Iria. E, para começar, qual a história do Segredo?

—Sim. Bem sei o grande ruído que se tem feito e continua a fazer a esse propósito... E devo dizer-lhe, desde já, que nem sequer a palavra «segredo» é muito feliz,

aplicada ao caso. A opinião pública, levada pela curiosidade, deu-lhe, e dá-lhe ainda, demasiada importância. Infelizmente, não se consideram tanto as lições da Mensagem de Fátima, quanto o aspecto sensacional, a «novidade» que em si tem valor muito relativo. Já em 1946, o saudoso Bispo de Fátima, D. José Correia da Silva, interrogado porque não revelava o Segredo, respondia: «Muita gente preocupa-se apenas, e manifesta grande curiosidade em saber os pormenores do Segredo. Esquecem-se

do único necessário: o espírito da Mensagem de Fátima».

Em todo o caso, e esperando seja de alguma utilidade, aqui tem, em síntese, a história do «segredo»:

A primeira vez que a palavra *segredo* aparece, segundo os documentos oficiais, é em 13 de Agosto de 1917. O famoso administrador do Concelho de Ourém, acompanhado por um sacerdote, apresenta-se em casa do pároco de Fátima, e ambos dois

(Continua no próximo numero)

TRIBUNA das ARTES e das LETRAS

Sá de Miranda

A Egipciaca Santa Maria

(Continuação)



Ela como os tem na rede
d' aquelles olhos rasgados,
não pede ouro, nem cruzados,
mas por seus peccados pede
o que vem de seus peccados.

Houve mais nova invenção
do inimigo infernal,
que huma mulher chege a tal
que incite a qualquer varão
ao vicio torpe e carnal.

Aqui fez termo e deu fim
os feitos de huma mulher,
taes, que se puçera ser
fazer algum mais ruim
não deixara de o fazer.

E esta fermosa tam fea,
e de si propria inimiga,
a todos quantos recrêa
mata, captiva e obriga
por donde quer que passêa.

Não há rua, canto ou praça
onde não faça sinal
a sua natural graça,
que hua graça natural
que coração não trespassa.

Como era sua tenção
damnada, visto que trata,
não diz a ninguém de não
e por se vender barata
perdia a reputação.

Se algum cobarde a pretende
vendo-a tam facil se anima,
e ella mui bem entende
que aquillo que mais se estima
hé o que mais se defende.

Inda que a má natureza
hé dura de se mudar,
de a ter tanto se presa
que nunca teve pesar
com o peso desta torpeza.

Assim passa a triste vida
quem teve tam triste sorte,
porque a alma mais perdida
hé a que vive esquecida
do juizo, inferno e morte.

Que se tivera a lembrança
do juizo, morte e inferno,
fée, caridade e esperança
de ir reinar no reino eterno.

Mas que virtude ha de ter
quem nunca teve verdade,
de a seus pais obedecer,
por escrava se fazer
da torpe sensualidade.

Alma inorante e innocente
se não te ha de dar o mundo
mais que o mal que tens presente,
teme as penas do profundo
que hé fogo eterno e ardente.

Por mais malles que tens visto
em Deus nunca são incertas
as misericordias, crê isto,
que cinco portas abertas
te tem para a gloria Christo.

Chega, não tenhas temor,
por mais peccados que tenhas,
que vens a tam bom Senhor
como arrependido venhas
que pasmas do seu amor.

E em quem tens mil perdões certos
que hé seu costume perdoar,
esses outros desconcertos,
e mais para te abraçar
tem já os braços abertos.

Chega àquelles pés sagrados
essa bocca peccadora,
rasga esses olhos rasgados
verás que logo quem chora
Deus perdoa seus peccados.

Isto houvera de fazer
aquella que não fazia
mais que a seu Deus offender,
mas Deus lhe tem lá seu dia
em que a seu Deus ha de vêr.

Inda n' esta terra andava
quem fazia a Deus offensas
como sempre costumava,
e Deus nunca lhe negava
misericordias immensas.

Não havia occasião
em toda aquella cidade
de que não lançasse mão
sendo senhora a vontade,
e sendo escrava a razão.

E em vendo quaesquer acenos
a profana dissoluta
era tam sagaz e astuta,
que com grandes e pequenos
seus feitos maus executa.

Mas se nos primeiros annos
mundanos a perseguiam,
depois que os annos corriam
ella seguia aos mundanos,
porque elles a não seguiam.

Como o viver de estragado
estraga o corpo mortal,
este fermoso animal
já não hera tam presado
por se prezar de sensual.

Passa o tempo brevemente
com muita velocidade,
e quando esta mais contente
que te parece que mente
em ti se encherça a verdade.

Por este tempo passou,
mas vingou-se o tempo della,
que como quem acordou,
olhou para si e achou
que já não hera tam bella.

Concertando hum dia o rosto
e vendo que a cor perdia,
triste o concerta outro dia,
e vê que quanto tem posto,
que no rosto lhe morria.

Sente notável tormento
na cor que perdida traz,
porem cega-a satanaz,
que não tenha sentimento
de quantos peccados faz.

Colégio Infante de Sagres Comemorações Centenárias DO Infante D. Henrique

As comemorações do *Centenário do Infante D. Henrique*, no Colégio Infante Sagres, decorrerão de Março a 13 de Novembro de 1960 e serão subordinadas ao seguinte programa:

Sábado 12 de Março (16,30)

a) — Conferência pelo antigo aluno Dr. Carlos de Azevedo que versará o tema «A Obra do Infante». «Monumentos Portuguezes no Ultramar».

b) — Cerimónia da entrega de medalhas comemorativas aos professores com 15 anos, ou mais, de serviço.

c) — Cerimónia de reconhecimento dos serviços prestados ao Colégio pelo pessoal menor que conte 15 anos, ou mais, de serviço efectivo.

d) — Proclamação de um concurso de monografias históricas conforme programa em separado.

Domingo 8 de Maio

Realização de uma estafeta pelos alunos do Colégio entre Lisboa e Batalha, para deposição de uma coroa de louros junto do túmulo do Infante, homenagem para a qual se pede a comparência dos antigos alunos.

Em ocasião que for julgada oportuna realizar-se-á uma visita ao promontório de Sagres e uma excursão a Ceuta e demais locais do norte de África onde existem recordações de feitos de portugueses.

Domingo 13 de Novembro

Sessão de encerramento das comemorações com programa a estabelecer.

Seria muito agradável que os Srs. Professores e os antigos alunos honrassem com a sua presença as sessões dos dias 12 de Março e 13 de Novembro.

Continua na 4.ª página

Santa Casa da Misericórdia EDITAL

Paulo Barbosa de Macedo,
Vice Presidente em exercício
da Assembleia Geral da Santa
Casa da Misericórdia do Con-
celho de Amares:

Faço saber que nos termos do § 1 do artigo 27.º dos Estatutos desta Misericórdia, convoco para o dia 10 do corrente, a Assembleia Geral da mesma Instituição para se pronunciar acerca das contas de gerência do ano findo de 1959, a qual terá lugar no edificio desta Santa Casa, pelas 14 horas.

Não comparecendo número suficiente de associados, funcionará a mesma Assembleia duas horas depois com qualquer número.

Para constar se lavrou este e outros de igual teor, que serão afixados nos lugares públicos do costume.

E eu António Batista de Macedo Fernandes servindo de Secretário o subscrevi.

Amares e Secretaria da Santa Casa da Misericórdia, aos 29 de Fevereiro de 1960.

O Vice Presidente da Assembleia Geral,
Paulo Barbosa de Macedo

Tube de borracha

com metade da espessura duma agulha

Quando um laboratório de pesquisas bacteriológicas de Amsterdão precisou dum tubo de borracha com metade do diâmetro duma vulgar agulha de cozer para fazer experiências em ratos, dirigiu-se a uma firma inglesa para o encomendar. Esta firma especializada em trabalhos de borracha de silicone dedica-se há cerca de 7 anos à produção de artigos dedicados e de precisão cuja procura tem crescido mais de 40% em cada um dos últimos três anos.

Basta dizer que em 1959 dispendeu na compra de matérias primas mais do que o valor de todas as suas vendas de produtos manufacturados no ano anterior.

Verificou-se em cheio a sua capacidade de produzir artigos de precisão quando a fir-

ma foi convidada a fornecer 1 1/2 milhão de anilhas de borracha natural para minas anti-tanques, ainda durante a guerra.

Mais tarde, o Governo encomendou 47 milhões de argolas minúsculas para selagem de aspersores de insecticidas para os soldados, nos trópicos.

Dedicando-se, depois, ao campo da borracha silicone, atingiu tal fama que recebe, hoje diariamente, encomendas das principais indústrias de electrónica, engenharia e de construção de aviões tanto no Reino Unido como no estrangeiro. São, também, os fornecedores de toda a tubagem de borracha usada pela Cruz Vermelha Australiana, no seu vasto serviço de transfusão de sangue.

TRIBUNA do CONCELHO

CARTÁ DE LAGO

Meu caro amigo António

Vou dar-te meu querido António, mais algumas notícias e também alguns esclarecimentos.

Caminhos

Falei-te dos troços de caminho encaletado, do Paço para o rio Cávado, de Vila Nova e Ponte, mas, esquecia-me do, de Santa Marta.

Os três últimos foram mandados arranjar pelo senhor Manuel Soares Leite, quando era presidente da Junta, com algum dinheiro que a Câmara forneceu. O primeiro foi encaletado sob os auspícios, e talvez à custa, da falecida Casa do Costa, de Lago.

Também, já no lugar da Igreja, foi encaletado um troço de alguns metros do caminho que vai do Paço à igreja paroquial. Creio que era presidente da Junta o senhor — Francisco José Pires.

Julgo que nestes melhoramentos esteve sempre a influência do falecido José António Ribeiro, da também falecida casa da Fonte. Entendo que tens conhecimento da construção da estrada de Barreiros.

Se afligiu alguns moradores do lugar da Telheira também é verdade que melhorou e embelezou muito o referido lugar. Deveu-se esta obra ao ilustre e dinâmico pároco de Barreiros, P.e José Fernandes de Barros, falecido há alguns anos.

Talvez estranhes por te falar em «casas falecidas».

Pois é verdade!

Há infelizmente bastantes casas, em Lago, que marcam e agora são habitações de caseiros, de terras ou simplesmente de ratos! No que fica dito julgo ter completado a notícia sobre caminhos e prestado alguns esclarecimentos referentes aos autores ou promotores das obras.

Falecimento

Com 87 anos despediu-se deste mundo o senhor João Alves Pereira, do lugar de Santa Marta. Era viúvo e há muitos anos era também sustentado carinhosamente pelo filho, senhor António Alves Pereira, do referido lugar.

Acho justo salientar a maneira cativante como a nora tratava o simpático velhinho. Confesso que a caridade da nora para com o sogro me edificou muitas vezes. Oxalá todos os filhos ponham os olhos neste exemplo e o sigam piedosamente.

O falecimento deu-se cerca das 18, 30 horas do dia 16 de Fevereiro e foi sepultado no dia 18, pelas 10 horas, depois da missa de corpo Presente e outros actos fúnebres por sua alma.

Fontes

Apenas encontro quatro fontes públicas nesta freguesia capazes de fornecer água habitualmente. De facto há mais fontes públicas. Uma porém só têm o nome, outras servem apenas alguns meses...

Como vês, nesta freguesia há muitas necessidades materiais.

Estou convencido que a nova Junta muito irá fazer, considerado o seu dinamismo e também as declarações que um dos membros fez diante de mim.

Dispõe do sempre teu J. Moreira.

Lago, 29-2-1960.

Goães

Carnaval

— Passou com a maior alegria o carnaval, que tanto nesta freguesia como na de Bouro, atingiram maior nível que nos anos anteriores.

Aniversários

— No dia 4, passou o aniversário do Sr. António P. Lopes.

Também no mesmo dia, passou o aniversário, a menina Aida de Barros Dantas, da freguesia de Bouro.

Aos aniversariantes os nossos parabéns.

Futebol

— No passado Domingo, realizou-se o desafio entre o grupo desportivo de Figueiredo com o grupo local da J. A. C., terminando com o resultado de 2-1 a favor dos visitantes.

Reunião

Convocada pelo sr. Presidente da Câmara Municipal, para as 14 30 de quarta-feira passada, realizou-se às 16 do mesmo dia uma reunião de todos os Presidentes da Junta de Freguesia do Concelho para tratar do caso da mendicidade.

Foi pedido às Juntas que enviassem à Câmara relação dos indigentes de cada freguesia.

Graça Recebida

Em cumprimento de uma graça recebida por intermédio de S.ta Filomena, venho publicamente agradecer conforme prometi; esperando sempre a vossa protecção.

Eugénia Leite Ferreira, Ferreiros, 24 Fevereiro 1960.

CAIRES

Assistência aos Indigentes

— Na passada 4.ª feira, dia 2 de Março, às 14,30 horas houve uma importante reunião na Câmara Municipal dos presidentes das juntas de freguesia do Concelho, com as nossas autoridades Concelhias afim de tratarem do momento problema da assistência aos indigentes locais.

Cada presidente levou uma lista deles, afim de serem socorridos.

O nosso presidente da Junta levou a seguinte lista dos mais indigentes:

1.º Adelaide Secundina Rodrigues — solteira — 71 anos, lugar da Igreja.

2.º Maria José da Silva, — solteira — 61 anos, do mesmo lugar.

3.º Rosalina Maria da Silva Pala, — viúva — 62 anos, lugar do Monte de Cima.

4.º Manuel António Pinto, — viúvo — 75 anos, lugar de Soutelo.

5.º José de Andrade, — casado — 74 anos, do lugar das Penas.

6.º José de Sousa, — casado — 73 anos, do mesmo lugar.

7.º Francisca Rosa de Sousa — viúva — 83 anos, do lugar do Monte de Cima.

8.º Maria Joaquina da Costa, — viúva — 70 anos, do mesmo lugar.

9.º Albino José Dias, — viúvo — 71 anos.

10.º Januário Pinheiro, — casado — 59 anos.

11.º Guilhermina de Andrade, — viúva — de 72 anos.

Continua na 4.ª página

Lago Largo do Paço

Pelo Presidente da Junta de Freguesia de Lago, foi enviada à Câmara a seguinte proposta:

Ex.ma Câmara Municipal. Possui esta freguesia um dos largos mais interessantes de Amares. É ainda esta freguesia a que dando a principal entrada ao Concelho se deve apresentar com aspecto atraente dispondo bem o forasteiro que visita terras de Entre Homem e Cávado. O lugar de Entre Pontes, logo á entrada, com a sua Praia (para a qual, também, em breve, terei de chamar a atenção da Ex.ma Câmara) restaurante, posto abastecedor de combustíveis e lubrificantes, fábrica de serração, talho, telefone, etc., dá já uma ideia de vida e progresso, mas logo dois quilómetros andad. s encontra-se a «Sala de visitas» da freguesia, o largo do Paço, a pedir que o embelezem para que

BOURO

A Falta de Tempo

As inúmeras preocupações, que dia a dia me surgem na minha vida profissional, obrigam a abster-me de trazer às colunas deste jornal, as notícias da minha tão querida terra, que para uma grande parte dos meus conterrâneos ausentes, seria — creio — de

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Dia 9 — Passa o aniversário do Ex.mo Rev.mo P.e Avelino dos Santos Antunes, pároco da freguesia de Dornelas.

Também passa neste dia o aniversário do Sr. Torcato dos Anjos Vieira, digno Funcionário do Tribunal de Amares.

Dia 11 — o menino João Paulo Barbosa de Macedo e o Sr. Alberto da Rocha Barbosa.

* * *

Ontem dia 4, passou o aniversário natalício a Snra. Maria Eugénia Lage Leite, residente em Algueirão, Lisboa.

Por tão faustosa data, seus compadres e seu afilhado Alberto, desejam-lhe muitas felicidades na companhia de seu marido.

imensa satisfação. É para estes, especialmente para aqueles que como eu, sentem vibrar no coração, o amor pelo torrão que lhe serviu de berço, que hoje, sacrificando algum precioso tempo, vou escrever estas modestas linhas, satisfazendo assim, um fervoroso desejo de todos os dignos Bourenses, que longe da sua terra labutam o pão cotidiano.

O Tempo e Agricultura

O inverno tem sido longo e rigoroso, originando a falta de recursos ao trabalhador, devido à paralização dos trabalhos e, conseqüentemente, uma grande crise ao Comércio. Devido aos temporais, agravou-se o lastimoso estado de alguns caminhos — a maior parte dos existentes — e verifica-se também alguns muros derrubados. A necessidade de subsídios camarários, vai-se tornando cada vez maior, mas já mal se podem esperar, para exemplo dos anos anteriores.

Os laranjais estão, em parte, atacados de qualquer doença, que origina a derramação do fruto. Talvez se possa atribuir ao mau tempo, que há cerca de quatro meses, quase ininterruptamente, se tem feito sentir. Prevê-se portanto, que vai ser pouco o rendimento deste apreciado fruto, e daí a origem de con-

(Continua na 4.ª página)

Salvé o dia 4-3-1960

Passou ontem o aniversário natalício do Sr. Manuel Antunes Rebelo.

Por tão faustosa data Tribuna Livre cumprimenta-o e faz votos para que esta se repita por longos anos.

HUMORISMO

Conversando

— Comprei um fogão que economiza 50 % de energia.
— Então és parvo! Com dois fogões não gastavas energia...

No Café

— Como consegiste perder o vício do álcool?
— É que eu vivo com a minha sogra.

— Não percebo...
— É que sempre que me embriagava, via duas.

Ao pé da cozinha

Certo fulano, diz para um seu amigo:

— Não é higiênico teres a cavalariça ao pé da cozinha.
— Ora! Até hoje ainda não me morreu nenhum cavalo...

A BEM DA NAÇÃO

O Presidente da Junta

José António Pires

Banco de Fomento Nacional

Continuação da 1.ª página

to bancário, que está situado na Rua Braamcamp, 5, tem por objectivos fundamentais o financiamento de empreendimentos e a orientação dos investimentos de sector privado, tanto da Metrópole, como do Ultramar.

Destinado a desempenhar importante missão no desenvolvimento económico do País o Banco de Fomento Nacional tem por objecto as seguintes operações: a concessão de crédito industrial, agrícola e pecuário na Metrópole e no Ultramar; a concessão de crédito predial no Ultramar; a participação no capital de empresas constituídas ou a constituir; a subscrição ou compra de obrigações emitidas por empresas privadas; e a prestação de garantias ou cauções que assegurem o cumprimento de obrigações assumidas para os fins visados pelas modalidades de crédito legalmente autorizadas ao Banco. Além disso, realizará outras operações já previstas nos estatutos ou a considerar e propor ao Governo.

Servido por quadros técnicos especializados, o novo estabelecimento bancário estenderá a sua acção a todo o território nacional metropolitano e ultramarino, tendo sido tomadas providências para que as actividades económicas que não possam estabelecer contacto directo com a sede do Banco — e poucas serão — o venham a fazer por intermédio do Banco de Portugal e da Caixa-Geral dos Depósitos, na Metrópole, e pelos Bancos Nacional Ultramarino e de Angola, nas províncias do Ultramar. Embora sejam considerados com prioridade os empreendimentos já designados pelo Conselho Económico e incluídos no II Plano de Fomento, isso não significa que estejam obrigatoriamente assegurados pelo Banco os financiamentos recomendados e, por outro lado, que deixem de merecer estudo atento e possível solução satisfatória os não incluídos nas listas de prioridade do Governo. Assim, é já muito elevado o número de pedidos de financiamento recebidos da Metrópole e do Ultramar naquele estabelecimento bancário, muitos dos quais estão a ser estudados pelos respectivos serviços.

Esses pedidos podem ser dirigidos ao Banco de Fomento por escrito ou apresentados directamente, sendo então apreciados pelos respectivos serviços que promoverão, quando necessário, reuniões com os interessados para uma mais larga exposição sobre os assuntos propostos. Quando os pedidos são julgados merecedores de estudo, são então entregues à apreciação dos seus técnicos que sobre eles elaboram parecer a submeter à aprovação da Administração.

Após a preparação do pessoal, o ensinamento colhido junto de instituições estrangeiras congéneres, o esclarecimento legal de vários problemas, o frequente contacto com entidades interessadas na ajuda do Banco, metropolitanas e ultramarinas, a transferência de vultosos valores de duas instituições agora extintas — o Fundo de Fomento Nacional e o Departamento de Fomento de Angola, — e os úteis contactos com algumas das mais importantes organizações internacionais de crédito, cuja ajuda poderá promover um mais rápido desenvolvimento da nossa economia, o Banco de Fomento Nacional está agora apto a concretizar a sua dupla função de financiamento e de orientador dos investimentos, modalidade esta de carácter relevante pela novidade que encerra, pela especialização de pessoal que requer, pela ajuda que pode prestar e pelo progresso que pode fomentar.

Para execução do seu programa financeiro, conta o Banco também com os valores provenientes dos depósitos a prazo feitos por particulares que são, neste momento, já em grande número, e as perspectivas animadoras de recurso ao crédito externo.

O novo estabelecimento bancário está instalado num grande imóvel, com oito pisos, onde se encontram os seus serviços Financeiros, de Fomento, e Jurídicos e o Gabinete de Estudos e Projectos, além de secções de informações e bancárias, em contacto directo com o público.

Bouro

(Continuação da 3.ª página)

sequências desagradáveis para a maior parte dos nossos lavradores.

Casamento

Realizou-se no passado dia 27, o enlace matrimonial da menina Olíndina de Jesus Fernandes, filha do Senhor Manuel Albino Fernandes, residente no lugar de Dornelas, desta freguesia, com o senhor Francisco da Silva, natural da freguesia de Adaúfe, concelho de Braga, actualmente a prestar serviço na Barragem dos Pissões.

O acto teve lugar na Igreja Paroquial desta freguesia, sendo celebrante o Rv. mo Padre Manuel Matias do Lago e Costa. Após a cerimónia, os noivos, acompanhados de um elevado número de convidados, seguiram para casa da noiva, onde lhes foi servido um lauto almoço.

«Tribuna Livre» deseja ao novo lar um provir das mais risonhas felicidades.

A. Fernandes

Desportos

Campeonato Regional da 2.ª Divisão

(Continuação da 6.ª página)

2-1. De novo o comando do jogo pertenceu aos locais que por intermédio de Videira marcaram mais um tento, seguindo-se outro por intermédio de Ribeiro. O último quarto de hora pertenceu ao onze de Amares, que tentou a todo o custo diminuir a diferença, tendo somente conseguido outro tento por intermédio de Chico. O jogo foi disputado com correcção e analisado o desenrolar da partida, o empate seria o resultado mais justo.

Tomé teve culpa em dois golos dos sofridos; a defesa á excepção de Jaime, que efectuou uma primeira parte fulgurante, mostrou pouca experiência, assim como a linha média; na dianteira, Pinto esteve melhor que nos jogos efectuados anteriormente e Chico foi o melhor.

J. B.

Caires

(Continuação da 3.ª página)

12.º José M. Duarte, — solteiro — 47 anos — todos do lugar do Monte de Cima.

13.º Maria José da Silva, — viúva — 75 anos, do lugar da Cruz.

14.º Miquelina Teixeira, — solteira — 77 anos, do lugar do Outeiro.

15.º Maria Rosa da Silva Pinheiro, — solteira — 63 anos, do mesmo lugar.

16.º Belmiro da Silva Pinheiro — casado — 46 anos, do lugar do Freixeiro.

17.º Augusto de Carvalho Jerónimo — solteiro — 56 anos, do mesmo lugar.

18.º Albertina Machado, — viúva — 64 anos, do Freixeiro.

19.º Maria da Conceição Machado, — viúva — 75 anos do Freixeiro.

20.º Olívia Rosa da Silva, — viúva — 84 anos, do lugar do Sobrado.

21.º Olívia Maria da Silva, — viúva — 82 anos, do lugar dos Rios.

22.º Olíndina da Costa — viúva — 75 anos, do lugar do Tornadouro.

23.º Maria de Jesus Lopes, — solteira — 74 anos, do lugar do Paço.

Porque se tratam de pessoas, que, por doença, invalidez e velhice, vivem exclusivamente da caridade pública, merecem um auxílio especial do Nosso Governo, que pelo Ministério da Saúde e Assistência, tem repartido pelos Concelhos milhares de Contos. Vamos a ver o que toca a Amares.

Pobres e indigentes de Caires, esperai pela taludá.

C.

Colégio Infante de Sagres

Comemorações Centenárias

(Continuação da 2.ª página)

vembro e tomassem parte na ida a Sagres e a Ceuta.

Programa do concurso de Monografias Históricas

Serão admitidos ao concurso:

a) — Os alunos da 4.ª classe das escolas primárias oficiais da Metrópole (até aos 12 anos de idade); b) — Os estudantes do 1.º ciclo das escolas secundárias e técnicas, da Metrópole (até aos 14 anos de idade); c) — Os estudantes das escolas secundárias e técnicas, entre os 14 e 18 anos de idade, da Metrópole, África Ocidental, África Oriental, Índia, Macau e Timor e do Brasil, Nação irmã.

d) — Todos os estudantes universitários da comunidade luso-brasileira, até aos 25 anos de idade.

Temas para escolas primárias

O Infante D. Henrique — Pensamento Cristão da sua Obra — Benefícios que da resultaram para Portugal, a Civilização e a Humanidade.

Este trabalho de redacção será feito até 31 de Maio p. f. e entregue até 31 de Julho.

Temas para as escolas secundárias, técnicas superiores, Portuguesas e Brasileiras

1) — A figura do Infante e projecção da sua obra nos séculos que se seguiram; 2) — A inclita Geração; 3) — As lendas do Mar Tenebroso e a influência do Infante na formação da mentalidade e do espírito português; 4) — Os descobrimentos dos portugueses, porta aberta à civilização. Sua influência nos destinos da Humanidade; 5) — O nosso comércio antes e depois de D. Henrique.

Os trabalhos feitos pelos estudantes destas escolas devem ser remetidos ao Colégio Infante de Sagres — Antigos alunos — Lisboa, e serão entregues até 15 de Setembro p. f.

Os prémios estabelecidos e organizados pelos antigos alunos do Colégio Infante de Sagres, são os seguintes:

Para os estudantes (da alínea a):

1 prémio de 1.000\$00 para o 1.º classificado; 1 prémio de 500\$00 para o 2.º classificado; 10 prémios de 100\$00 para os 10 seguintes na ordenação feita; 150 prémios de 50\$00 para os 150 que se seguirem na ordem da classificação.

Será concedida uma medalha comemorativa à escola primária a que pertencer o aluno que obtiver o 1.º prémio.

Para o 1.º ciclo das escolas secundárias ou técnicas (da alínea b):

1 prémio de 1.000\$00; 1 prémio de 500\$00; 1 prémio de 250\$00.

Para as escolas secundárias e técnicas (da alínea c):

1 prémio de 2.500\$00 para o 1.º classificado; 1 prémio de 1.000\$00 para o 2.º classificado; 1 prémio de 500\$00 para o 3.º classificado.

Para os alunos Universitários Luso-Brasileiros (da alínea d):

1 prémio de 5.000\$00 para o 1.º classificado; 1 prémio de 2.000\$00 para o 2.º classificado; 1 prémio de 1.000\$00 para o 3.º classificado.

Haverá um prémio especial para o melhor de cada um dos trabalhos (secundário e universitário) que forem apresentados por concorrentes naturais do Ultramar, ou do Brasil, o qual será respectivamente, de Esc.: 1.000\$00 (para as escolas secundárias ou técnicas) e de Esc.: 1.500\$00 para os Universitários.

O júri para a apreciação dos trabalhos do concurso será formado por professores e antigos alunos do Colégio.

Os concorrentes devem declarar nos trabalhos que realizarem, o nome, a idade, escola e classe ou ano que frequentam.

A remessa deve ser feita em envelope fechado, endereçado ao Colégio Infante de Sagres Antigos Alunos — Lisboa, e ter por forma bem visível a indicação exterior «COMEMORAÇÕES CENTENÁRIAS».

O júri apreciará os trabalhos tendo em consideração a idade, adiantamento escolar, forma e valor histórico na classificação.

Da decisão do júri não haverá recurso em caso algum.

Os trabalhos entregues tornam-se pertença do Colégio que se reserva o direito da sua publicação.

Fevereiro de 1960.

Câmara Municipal de Amares

CONVOCAÇÃO

Convoco o Conselho Municipal para uma reunião realizar no dia 5 de Março próximo, pelas 14 horas trinta minutos, no Salão das Reuniões da Câmara Municipal, com a seguinte ordem do dia:

1.º Apreciação da deliberação da acta da reunião da Câmara relativa à alteração do vencimento do Zelador Municipal.

2.º Idem a concessão de exploração da barca de passagem do Rio Cávado, em Prozelos.

Amares, 26 de Fevereiro de 1960

O Presidente da Câmara, D. Nuno Luiz de Carvalho Daun e Lourena.

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

MONOGRAFIA DE TERRAS DE BOURO

(Por DOMINGOS M. DA SILVA)

N.º 60

(CONTINUAÇÃO)

esculpida na padieira da porta a indicação dos fins a que se destinava.

Nas traseiras da mesma era a cadeia, a que taparam uma gateira, mas ainda conserva as grades em uma fresta.

Defronte está a antiga *Casa do Couto* que, depois de servir a habitação de particulares, o último proprietário e morador utilizou algumas peças de cantaria mais trabalhadas na sua nova moradia — umas carrancas e uma bacia de pedra em que os velhos magistrados, e seguindo antiquíssimas tradições dos «velhos testamentos» purificavam as mãos depois de pronunciarem suas sentenças de condenação ou absolvição. A forca, que inicialmente teria sido ali mesmo ao pé, na *picota*, que assim o deixa entender, passou a ter lugar no monte do Paço, para não oferecer espectáculo tão funesto aos moradores do povoado, apenas deitavam o nariz fora de portas, o quadro horrível dos enforcados.

Se politicamente usufruiu a sua velha autonomia e privilégio de *couto*, que D. Afonso III lhe conferiu, não aconteceu o mesmo sob o aspecto religioso, pois constituiu uma vigairaria anexa á importante abadia de S. Paio de Sequeiros e só mais tarde se tornou independente, com o título de reitoria. O padroeiro é desde sempre *S. Salvador*.

Compõe-se dos lugares de *Santa Cruz* (os fogos a E da Geira pertencem a Seramil do conc. de Amares) *Sequeiro, Quintães, Sá, Santa Eufêmia Garcia, Caneiro, Porta, Outeiro e Paço*.

Naquele antiquíssimo lugar da Geira, o mais alto da freguesia e onde a célebre via se impõe como linha divisória das duas vertentes, do lugar, da freguesia e dos concelhos, há sinais de um remotíssimo culto de *Santa Helena* e da *Cruz*. Sabido é que os velhos geógrafos nomeiam, entre as antiquíssimas cidades e paróquias romanas, uma de *Santa Helene* que os mais modernos até hoje não conseguiram ainda localizar e identificar. Sabe-se também que tinha o seu *bispo rural*, porque nessa qualidade foi presente a um concílio do tempo. Questão esta quase impossível de averiguar, sendo porém certo que algumas das tais cidades assentavam, como é natural, ao longo da importantíssima estrada imperial e bem pode admitir-se que o nome do lugar se mudasse de *Santa Helena* em *Santa Cruz*.

É à volta deste lugar, que gira como o mais importante ponto de referência, a demarcação dos tombos de todas as freguesias circunvizinhas—Balança, Ribeira, Souto, Paranhos, Vilela e Seramil, tudo anda à roda deste eixo demarcatório, facto pouco comum e que lhe denuncia funda existência.

* * *

Em 1706 tinha esta freguesia apenas, 60 vizinhos; em 1875 subiu a 136 com 630 almas. Daí para cá pouco aumentou, 150 fogos por poucos mais habitantes; sinal dos efeitos da extraordinária emigração que de modos diferentes se verifica de uma para outra freguesia, quando uns chamam outros para fora da terra e a crise se vai agravando. Pois é, pela sua amenidade e outros dotes naturais e artificiais, das terras do concelho que os respectivos naturais têm o menor direito de trocar por qualquer outra.

(Continua no próximo número)



COMPANHIA DE
SEGUROS 'DOURO'

FUNDADA EM 1835

SEGUROS EM
TODOS OS RAMOS

Há mais dum século, na "DOURO" está a segurança

AGENTE EM AMARES:

João Gualberto da Silva

Largo D. Gualdim Pais

AMARES

Notícias das Termas do Gerês

Casamento

No passado Domingo realizou-se na Igreja desta freguesia, o consórcio da menina Maria de Fátima Martins Campos. Professora oficial nestas termas, com o Snr. Joaquim de Lima, da freguesia de Panoias. Ao enlace assistiram cerca de 70 pessoas, foram padrinhos o Snr. Tenente Benjamim Leite Cardoso, comandante da secção da guarda fiscal destas termas e uma senhora cunhada da noiva.

Aos noivos desejamos-lhes um lar muito feliz e à família parabéns.

Desastre Mortal

Foi encontrado morto, por ter caído duma ribanceira de cerca de 10 metros, Américo José Pereira, solteiro de 64 anos, muito conhecido nestas termas pelo méco. O infeliz era muito conhecido nesta por toda a gente, porque embora fosse, um tanto anormal, era amigo de fazer recados, transportar encomendas mesmo muito pesadas, satisfazendo-se

O SOFRER

—por Abel Antunes—

Sofrer, sofrer — gosto amargo dos infelizes.

O sofrer é a chaga perene que ora aqui ora ali, firma a sua moradia unida ao nosso sentimento.

Quem não sofre neste mundo? — Ninguém. Mas, saber sofrer é uma virtude que infelizmente pouca gente tem.

com qualquer coisa que lhe dessem como, cigarros, dinheiro ou café de que gostava muito.

Caminho Florestal

Foi dado início á condução do caminho florestal que vai da Guarda (S. João do Campo) á Bouça da mó, ficando assim o Gerês com ligação indo por Albergaria para S. João do Campo Covide e Terras de Bouro, etc. O turista pode seguir tanto para o Gerês como dali por tres estradas que não o obrigam a voltar ao mesmo sítio.

Estas obras devem-se inteiramente aos Serviços Florestais.

Gerês 2/5/1960

A CIDADE E A ALDEIA

Na grande cidade
A vida é diferente
Da vida na herdade
De rústica aldeia;
Naquela é ingente,
O bulício diário,
E nesta, ao contrário,
A paz a rodeia.

Na grande cidade
Depois de uma noite
De jocosidade
Ou de insana orgia,
Quem há que se afoite
A ver o portento,
O deslumbramento
Do romper do dia?!

Na aldeia rebrilha
A luz da manhã;
E a gente que trilha
O chão da virtude
Desperta louçã,
E cantarolando
E rindo ou rezando
Bendiz a saúde.

Nas grandes cidades
Quem fica uns instantes
A olhar com saudades
O sol que fenece?
N' aldeia há diamantes
Nas côres do poente
À hora em que a gente
Hurmura uma prece.

Na grande cidade
Em noites d'estrelas,
Quem há que em verdade,
Parando um momento,
Converse com elas
E as saiba escutar?
N' aldeia entretanto,
Sob o firmamento
É com mago encanto
Que se ouvem falar.

São as desventuras da vida profissional; as contingências do nosso «querer», pois, o «crer» é pura e meramente acessível à nossa vontade; as quesilias familiares e por vezes os insucessos do amor; que nos fazem sofrer numa cadência certa e mórbida.

Saber reagir a tudo isto — como disse — é altamente digno de louvor! Quando se deparar tal dificuldade na vida, saibamos esperar porque este é o estandarte real dos esperançosos. Enquanto não enfrentamos as dificuldades da vida, julgamos o mundo um autêntico e saboroso lanche, quando, em boa verdade é uma sucessão de martírios que se torna mais notória naquelas que o sangue na guelra pulula como o azeite na sertã, sem preverem o pré-insucesso.

Por vezes existem alguns mais audaciosos ao enfrentar tais incertezas, mas são ingloriosamente vencidos e retirados do seu objectivo. Para estes, a sua audácia custou-lhes as penalidades do Direito Humano. Tentam banir obstáculos que, verdadeiramente empilhados aparecem e ao mais pequeno esforço são obrigados a lançar o característico frémio gemido de vencidos, opositores de batalha dos vencedores.

Devemo-nos convencer que o sofrer é o pão nosso de cada dia e, tentemos enferentá-lo sem, contudo, esmorecer os ânimos e ao mesmo tempo não exagerá-lo.

Tenhamos um firme e sério espírito de resignação, pois, só este nos conduzirá ao almejado êxito que afincadamente procuramos.

Uma coisa porém, é certa: — sofrer, todos sofrem; saber sofrer, poucos!

E, o elo de ligação nestas inconstâncias da vida — esperança — virá um dia a ser trancado pela fria, negra e indejada morte que é o descanso eterno do corpo e a maior incógnita da alma.

Saibamos sofrer, como os mártires e santos que tantas provas deram, através da nossa brilhante História Pátria e Universal e especialmente da História Cristã, que é o Evangelho.

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos, desde os mais simples aos mais luxuosos.

Leia

Assine

Publique

«Tribuna Livre»

UERBA

Tribuna Desportiva

Campeonato Regional da II Divisão

Foram notas salientes da quarta jornada, disputada no passado domingo, a vitória conseguida pelo Fluvial de Viana do Castelo, em Campelos, e o empate cedido pelo Vilaverdense, no seu ambiente, frente ao Fão.

Com as duas vitórias conseguidas uma em casa e outra fora, o Fluvial de Viana, creditou-se já como sendo uma das equipas com mais possibilidades de alcançar neste campeonato, uma posição honrosa, sendo no entanto ainda muito cedo para fazer qualquer vaticínio.

O Vilaverdense que se deixou surpreender no seu próprio ambiente pelo Fão, cedendo um empate, parece confirmar a má nota que tinha deixado no Domingo anterior, quando nesta Vila foi derrotado pelo grupo local, numa partida em que se o nosso grupo tem sido bafejado pela sorte, o resultado teria sido memorável. O F. C. de Amares, mais uma vez foi derrotado fora de casa, não porque o Vizela se tivesse mostrado superior, mas sim, pela inesperienza dos seus jogadores, que embora tivessem feito exibição agradável, não souberam no entanto aproveitar as ocasiões que se lhes ofereceram.

Os resultados foram os seguintes:

Vizela 4—F. C. Amares 2
Vila Verde 1—Fão 1
Campelos 2—Fluvial 3

A classificação ficou agora assim ordenada:

Classificação		
	Jogos	Pontos
Vizela . . .	3 . . .	8
G. D. de Prado 3 . . .	3 . . .	7
Fluvial de V. 2 . . .	3 . . .	6
Fão	3 . . .	6
Campelos . . .	4 . . .	6
Vila Verde . . .	4 . . .	6
F. C. de Amares 3 . . .	3 . . .	5

A quinta jornada que se disputa amanhã Domingo, consta dos seguintes encontros:

Fão — Vizela
F. C. de Amares—Prado
Fluvial — Vilaverdense

Às 15 horas de amanhã no Campo de Jogos Luiz Calheiros de Abreu, desta Vila, o grupo local defronta o G. D. de Prado, partida que se prevê ser bastante disputada em virtude da revalidade existente entre os dois grupos. Não deixem portanto todos os Feiranovenses de com a sua presença, incitar o grupo local.

Vizela 4-F. C. de Amares 2

O onze representativo deste Concelho e Vila de Amares, deslocou-se no passado Domingo à linda estância termal de Vizela, a fim de aí defrontar o grupo local, numa partida que já anteriormente se previa difícil.

As equipas alinharam:

VIZELA: Valença, Vasconcelos II e Vasconcelos I, Martinho, José Carlos e Marques; Campelos, Videira, Mendes Ribeiro, Quim e Zé Luis.

F. C. de Amares: Tomé, Barbosa e Jaime; João, Gon-

çalves e Martins; Fernandes, António, Barros, Pinto e Chico.

Os visitantes não estranharam o ambiente, e logo de início foram ao ataque. Barrosa esteve á beira de marcar, se numa das suas jogadas características não tem sido derubado por um adversário na zona de remate, falta que o senhor juiz da partida e seus auxiliares, não assinalaram, ficando o seu trabalho muito a desejar. Reagiram depois os locais mas as suas avançadas eram neutralizadas com facilidade pela linha média, ora pela defesa dos visitantes. Depois e como já antes tinha acontecido, o domínio até ao fim do primeiro tempo pertenceu ao onze de Amares, que não marcou, em virtude de os seus avançados se terem perdido demais com passes e simulações, raramente atirando ao golo. O intervalo chegou com as equipas empatadas a zero bolas.

Depois do descanso, e com um vento fortíssimo a soprar a favor dos donos da casa, o jogo mudou de feição e foram então os visitados que com passes em profundidade aproveitando muito bem o estado do tempo, começaram constantemente a criar perigo junto da baliza dos visitantes. E, foi no final do primeiro quarto de hora que por intermédio de Ribeiro abrirão o activo, depois de Tomé ter interceptado uma dessas bolas em profundidade, que ao tentar po-la em jogo e acossado por um adversário cometeu falta a um metro da linha de golo, falta que transformaram sem dificuldade. Logo em seguida conseguiram novo tento desta vez por intermédio de Martinho. Os visitantes reagiram e por intermédio de Barrosa diminuíram a diferença para

(Continua na 4.ª página)

SE O INFANTE VOLTASSE

(Continuação da 1.ª página)

Mestre Leopoldo de Almeida, de onde saem as belas estátuas que dia após dia vão guarnecendo o Padrão dos Descobrimentos, já despido de andaimes e já dominando, como há vinte anos, a-par da Torre de Belém, todo o cenário ribeirinho da margem do Norte do Tejo.

Trabalha-se, sobretudo, em Sagres. Ali, no Cabo do Mundo, onde o Príncipe Navegador sonhou e realizou a descoberta do mundo moderno «tendo aos pés o mar morto e as mortas eras», está a ser levado a termo um plano inteligente e tão completo quanto possível da reconstrução histórica e de valorização turística—ou melhor: funcional.

Ambas as tarefas são difíceis. A primeira, a da reconstrução, carece do documento e padece do excesso de lendas que a imaginação culta ou popular acumulou em cinco séculos ao redor da Vila do Infante. O único documento iconográfico de que se dispõe e nos permite adivinhar Sagres antes da sua total ruína é um desenho esboçado por Francis Drake, quando no termo do século XVI o flibusteiro fidalgo saqueou o litoral algarvio. É no entanto o bastante para se saber que os «Paços do Infante» se limitavam, afinal a uma correnteza de casas baixas e modestas, em uma das quais agora já localizada à ilharga da capela de Nossa Senhora do Carmo, D. Henrique viveu e morreu e onde, no dizer de Zurara, «quantas vezes o achou o Sol assentado naquele lugar onde o deixara o dia dantes, velando todo o arco da noite, sem receber nenhum descanso, cercado de gentes de diversas nações».

A segunda tarefa, a da valorização funcional de Sagres, defronta como grande, exclusi-

va dificuldade, as próprias condições locais. Sagres é um ermo à magem da rede de comunicações, um pedaço de rocha que se entrega, inteira, ao mar e à bruma e nada tem de comum com a colorida quentura da terra algarvia. Em Sagres, além da memória do Infante, só há rocha e mar—e um vento ciclónico, que não consente mais do que arbustos rasteiros e urze bravia, como se o vento fosse o guardador implacável da única grandeza ali possível—a do Navegador.

Apesar disso, o plano das obras em curso no Pormontório de Sagres não se limita à reconstrução da Casa do Infante e das casernas dos seus soldados e marinheiros; prevê também, além de outras instituições, uma pousada e a sede de um grande centro de estudos ultramarinos, algo que seja para os jovens de Portugal e do Brasil o que é já para os jovens a Universidade de La Rabida, no litoral de Huelva.

Como se vê, nada mais necessário, nada mais condigno, do ponto de vista prático, para ficar a assinalar, em Sagres, este quinto centenário henriquino. Um centro de estudos ultramarinos em Sagres, um local onde em cursos de férias se possam reunir os estudantes de Portugal e os do Brasil e estudar em fraterno convívio os problemas que lhes são comuns, uma casa de estudo e acção que sirva indistintamente os jovens de Coimbra e os do Recife, os de Sá da Bandeira se os do Porto, os de Minas Gerais, do Alentejo, de Cabo Verde, de Mato Grosso, de Macau—os de toda a parte do Mundo Lusitana—será a melhor homenagem à memória do Infante. A única, por certo, que ele desejaria e aceitaria, se lhe fosse dado voltar ao rochedo de Sagres e olhar de novo a sua Rosa-dos-Ventos.

Castro de Carrazedo

por Domingos M. da Silva

O Morgado dos Essas foi vinculado à Capela em S. Francisco de Xabregas por D. Pedro de Essa em 1548. Nela tinham seu jazigo. Foi primeiro administrador deste morgado D. Diogo de Essa, continuando com sua mulher D. Luísa de Noronha. Sucedeu-lhe em 1595 seu filho D. Pedro de Essa, neto do instituidor e foi o segundo administrador.

Tinha rendas e propriedades nos termos das vilas de Alcáçovas e Montemor-o-Novo; Aldeia Galega e Alcochete.

No termo de Coruche a sesmaria do «Cinzeiro» que D. Jorge Francisco Machado de Mendonça arrendou em 1762 por 20\$000 reis em dinheiro, e de pitaça uma marrã, ou 2\$000 reis em dnr. o.

Tinha mais outras herdades nos termos das vilas de Canha e do Lavre, e marinhas de Sol em Setúbal.

Assim se denominavam todas estas propriedades por: quintas do Batedouro e do Rodelo; herdades de Maria Soares, da Pedregosa, das Figueiras, da Latada de Baixo, dos Pelados, do Pestana, da Latada de Cima, de Santa Comba, da Torre e de Vale de Lamas; das sesmarias do Cinzeiro, do Outeirinho, do Moinho de Entre as águas e da Ramalheira.

D. Jorge Francisco Machado de Mendonça obteve uma certidão das visitas que a Ordem de S. Tiago da Espada fez em 1553 à ermida S. Julião, então denominada S. Gião, termo da vila de Canha, para documentar a causa que trazia com D. Rodrigo de Noronha sobre a herdade de S. Julião que também pertenceu ao morgado dos Essas.

Em 1666, Manuel de Sousa Essa e Silva e sua mulher D. Joana de Mendonça entraram numa transação e amigável composição com a Abadessa e mais religiosas de Santa Clara de Lisboa, por cabeça de sua súbdita D. Antónia de Essa Corte Real e por serem condenadas por sentença a largarem os bens do morgado, com os rendimentos da lide contestada que o mesmo lhes quitou, e elas freiras cederam da posse.

Em 1722 houve contrato e concerto com a câmara da vila de Lavre pelo qual o morgado lhe ficou a pagar 100 reis de foro anual e dois moios e quinze alqueires de pão meado pelos rendimentos da herdade de S. ta Comba.

A herdade de Valdesilha, pertença do morgado, foi vendida em 1696 (9 de Abril) por Diogo de Mendonça Corte Real a Filipe Fernandes, pela quantia de 200\$ mil reis.

Em 1752, D. Jorge Francisco Machado propôs uma acção de reivindicação da herdade do Montinho, contra Afonso Pereira Pato, a quem foi julgada pertencer.

D. Isabel Catarina Henriques, que foi mulher de D. Luís Carlos Machado de Mendonça Essa Castro e Vasconcelos, tomou posse dos morgados do Montijo e Cadafais em 1738, a qual lhe foi discutida por Baltasar de Sousa e Menezes. O primeiro foi instituído em 1579 por Diogo de Sousa de Menezes; e o segundo por sua mulher D. Filipa de Sousa de S. Francisco, em 1638.

Consta que mais ou menos nos limites deste antigo morgado do Montijo assenta hoje o novo Arsenal do Alfeite.

Além das quintas da Pessa dos Cadafais e do Batedouro eram-lhes pertença as marinhas do Montijo, à data de 1739.

O mesmo morgado de Essas recebia em 1807 os rendimentos de casas sitas em S. ta Apolónia e de 30 moios de trigo na ilha Terceira e 70\$ mil reis na de S. Jorge. Tinha herdades nas vilas—de Canha, do Lavre e de Alcáçovas.

Em 1800, porque o Snr. D. Luís Machado ia marchar para as fronteiras com o seu Regimento, foram por sua A.R. ordenados os despejos dos reideiros das herdades das Figueiras e Pelados, Latada de Baixo e S. ta Comba, visto terem terminado os respectivos prazos de arrendamento.

D. Luís Machado teve a mercê da tença vitalícia de 200\$ mil réis pelos serviços da campanha do Rossilhon, e era paga pelo cofre das Comendas vagas. Ainda 400\$ mil réis na Casa da fruta, conforme padrão e apostila de 1799. Seu pai, D. Jorge, tinha em 1754 a renda de 400\$ mil réis no almoxarifado do Pescado de Lisboa, tença que lhe foi ampliada por ter de marchar para Viana. Em 1759 marchou do

(CONTINUA)